

Exemplo de leitura

Vickie - Médica durante o dia, caçadora de lobisomens durante a noite.

Por Eileen Sheehan

©Derechos de autor 2024 Eileen Sheehan
Impreso en los Estados Unidos de América
Derechos Electrónicos y Digitales en todo el mundo
Derechos de impresión en todo el mundo
Earth Wise Books
Edición Electrónica

Todos los derechos reservados. Ninguna parte de este libro puede ser reproducida, escaneada o distribuida en ninguna forma, incluyendo digital y electrónica o mecánica, incluyendo fotocopias, grabaciones o por cualquier sistema de almacenamiento y recuperación de información, sin el consentimiento previo por escrito del editor, excepto breves extractos para su uso en reseñas.

Este libro es una obra de ficción. Los personajes, los nombres, los lugares y los incidentes son producto de la imaginación del autor o se utilizan ficticiamente, y cualquier parecido con personas reales, vivas o muertas, eventos o lugares es pura coincidencia.

Aviso** Algunas partes de esta historia pueden resultar demasiado gráficas, sexualmente explícitas, verbalmente vulgares o violentas para lectores sensibles o traumatizados. Se aconseja discreción al lector.

Anteriormente publicado de Babelcube
©2018 Eileen Sheehan

Nota: Esse livro tem um pedaço do livro 3 da série Vickie, escrita por Eileen Sheehan, no final.

Conteúdo

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRES](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[CATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRES](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[Uma espiada no Livro 3, Vickie](#)

[Sobre a Autora](#)

[Libros por Eileen Sheehan y sus otros nombres de autor](#)

Esse livro é dedicado aos fãs de paranormalidade por todo o mundo que gostam de um pouco de romance e terror combinados.

“É aterrorizador de ver os seres humanos presos como bestas e sabendo que você não pode alcançá-los.”

Introdução do Autor

Nós fomos apresentados a Dra. Vickie Anderson no Livro Um, Vickie: Médica de dia. Caçadora de zumbi a noite. Se você não leu ele, eu recomendo fortemente que o faça, para que entenda ao máximo suas aventuras.

Se você está muito ansioso para começar essa história sem reservar um tempo para ler o livro um, eu te darei um pequeno resumo para te ajudar.

Vickie Anderson cresceu em uma fazenda com um grande interesse em ajudar seu colega a curar com medicina holística. Enquanto frequentava um curso oferecido pela universidade da comunidade local que foi ensinada pelo muito lindo e sensual, Dr. Peter Thomason, ela decidiu que o melhor jeito de ajudar os outros a se curarem era integrando a medicina tradicional e holística.

Encontrando com o belo medico em uma cafeteria e passando algumas horas tomando café – e secretamente fantasiando sobre ir para a cama dele – enquanto cutucava seu cérebro sobre a faculdade de medicina, sua mente foi decidida. Ela iria se tornar uma medica. Então, Vickie foi para a faculdade e Dr. Peter Thomason foi para a África com os Médicos Sem Fronteiras.

Passaram-se vinte anos.

Depois de se formar com sucesso como melhor de sua turma, Vickie aceitou a posição na pequena comunidade chamada de União dos Lobos, que era localizada no Cume

da Montanha Azul, como a médica local. Ela alugou uma casa – sem pensar duas vezes – pelo corretor de imóveis porque a casa tinha um pequeno consultório que ela viu que poderia trabalhar. Portanto, cortaria despesas enquanto ela pagava os empréstimos que ela acumulou na faculdade.

Surpreendeu-se ao descobrir que a casa que ela alugara não apenas tinha o espaço de um pequeno hotel, mas foi uma casa funerária, ela logo achou uso para o necrotério no porão quando ela foi escolhida como legista local e médica examinadora.

Após fazer amizade com Megan – uma senhora idosa que era a proprietária de uma loja de antiguidades que na verdade era uma bela bruxa disfarçada – Vickie ouviu seu conselho e encontrou alguns pensionistas; um escritor e uma assistente social. Ambos viajavam mais do que ficavam na casa, mas isso tornava o lugar menos gigante e também ajudava em suas despesas.

Ela foi em um encontro e convidou o xerife, Max Orwell-que tinha um corpo muito preparado como um modelo de GQ. Chamas voaram entre Vickie e Max, mas a hora e o lugar foram errados.

Qual era a hora e onde era esse lugar?

A hora era no meio da noite e o lugar era na lateral da estrada ao lado do corpo de Jacob Tripp que ela declarou morto.

O xerife mandou o corpo de Jacob para o necrotério na manhã seguinte para que ela fizesse sua primeira autópsia como médica examinadora oficial.

Enquanto ela se encontrou sua amiga e pensionista, Angela, no restaurante e café local, Angela apresentou a ela seu amigo que estava na cidade. Esse amigo era ninguém menos do que o galã de seus sonhos antes da medicina, Dr. Peter Thomason. Por terem passado anos o suficiente para permitir que ela amadurecesse, Vickie conseguiu o homem dos seus sonhos e eles se tornaram um casal.

Infelizmente, enquanto ela almoçava com Peter, o corpo de Jacob Tripp desapareceu. Ela descobriu depois pelo xerife que aquilo não era uma surpresa. Ele confessou que houveram alguns problemas com ladrões de corpos havia algum tempo.

Uma noite, enquanto os pensionistas estavam viajando e Peter não estava com ela, ela ouviu um invasor e ligou em urgência para o xerife. Enquanto Max verificava o andar de cima da casa, ela ouviu um baque alto.

Armada com uma seringa cheia de anestesia, ela verificou com cuidado as coisas. Ela encontrou o xerife inconsciente no corredor. Quando o invasor tentou atacá-la, ela introduziu a seringa cheia de anestésico em sua cintura. Uma vez que ela dominou ele e se levantou e pode acender a luz e ver a situação, ela descobriu – para sua surpresa e descrença – que o invasor era ninguém menos que seu corpo perdido, Jacob Tripp.

Vickie e Max lutaram para colocar o corpo de Jacob no necrotério, onde eles trancaram ele com segurança na geladeira para esperar pela autópsia no dia seguinte.

Quando Peter voltou e soube do problema com zumbi, ele a surpreendeu admitindo que, enquanto esteve na África, ele foi infectado com o vírus de vampiro.

Mas, os choques e surpresas não pararam ali.

Ela descobriu que seus pensionistas também eram vampiros que eram membros de um exército de vampiros que estavam trabalhando para ajudar a impedir os zumbis de concluir sua missão de dominar a área.

Diferente dos zumbis dos filmes e séries de televisão como “The Walking Dead” ou “Z Nation”, esses zumbis de verdade eram apenas no estado de “sem cérebro- comendo a pessoa mais próxima viva” quando eles eram novos. Enquanto o tempo passava, e eles continuam a comer cérebros humanos, suas habilidades de movimentos e inteligência aumentavam.

Outra grande fator era que os zumbis não pareciam criaturas grotescas criadas pela mídia. Na verdade, os avançados poderiam literalmente conversar com um humano no mercado e a pessoa nunca saberia a diferença se ela ou ele não soubesse os sinais de zumbis a serem notados!

Os zumbis queriam um médico entre eles, então seu líder escolheu Vickie.

Sem ela saber, Peter colocou em Vickie um preventivo contra os zumbis. Infelizmente, o preventivo era uma

pequena dose do vírus de vampiro. Não era forte o suficiente para transformar um ser vivo em um vampiro, para que os zumbis chegassem até ela. A maior preocupação era, se ela morresse dentro de um ano com ele em seu corpo, ela se tornaria uma vampira.

Quando os zumbis capturaram Vickie, Megan apareceu em seu corpo jovem, belo e mágico quando ela ajudou a resgatar ela e acabar com a líder dos zumbis.

Então, agora, com a situação dos zumbis locais sob controle, vamos ver o que Dra. Vickie Anderson tem a nos dizer sobre como a vida tem a tratado.

UM

O calor do sol da manhã acariciou minha face, braços e pernas enquanto ela competia com a fria brisa matutina por dominação era absolutamente maravilhoso na minha pele e acalmava meus músculos tensos. Eu estive acordada a noite toda estudando ambos textos antigos quanto modernos para me ajudar a entender e possivelmente encontrar a cura para o zumbiismo.

Depois de longas conversas com meu amante e colega médico, Peter, e minha grande amiga, Megan, -que era uma bruxa perversamente conhecida e uma caçadora de zumbis- eu conclui que, como o vampirismo, zumbiismo era causado por um vírus. Minha crença foi reforçada pelo fato que de Peter tinha me dado secretamente uma inoculação para prevenir o zumbiismo – de forma bem astuta e danada, eu devo dizer – antes de ele se sentir confortável e confiante o suficiente para compartilhar comigo os fatos sobre o mundo que eu estava vivendo comigo.

A inoculação consistia em uma pequena dose do vírus de vampiro. Não era o suficiente para me tornar uma vampira – a não ser que eu morresse – mas era o suficiente para dar ao meu corpo a imunidade que os vampiros tinham contra o zumbiismo.

Depois de contemplação seria e intensa, Peter e eu decidimos que, se o vírus poderia ser curado, então o zumbi – ou mesmo o vírus do vampiro, que seja – tinha uma cura em algum lugar. Nós apenas precisávamos encontrá-lo.

Peter e eu éramos parecidos de muitas formas. Nós podíamos ser como cachorros com um osso fresco e carnudo uma vez que nós entrávamos de cabeça em uma ideia. Éramos diferentes sobre nossa opinião em qual vírus era prioridade.

Peter estava determinado de voltar para a África e encontrar a cura para o vampirismo, enquanto eu sentia que o zumbiismo era um vírus muito mais importante para ser atacado primeiro. Eu acreditava nisso tanto que eu passara a noite toda viajando entre sites sobre Vodou Haitiano e técnicas de criação de zumbis e fazendo o meu melhor para filtrar as informações “ridícula e bizarra” do “faz sentido”.

Já que eu tinha pacientes aquela manhã, eu decidi me refrescar com um pouco de gloria matinal e então ir para a cama mais cedo aquela noite para compensar pela primeira noitada acordada desde a faculdade.

Eu podia ouvir os chinelos de Peter passeando pelo pátio dos fundos muito antes de ele dizer em um tom suave e sensual:

-Você não veio para a cama noite passada.

-A hora voou. - eu disse enquanto continuava a me nutrir pela Mãe Natureza.

Ele pegou uma cadeira de praia que estava encostada contra a lateral da casa e se sentou ao meu lado.

-Conseguiu descobrir algo?

-Nada concreto, mas eu acho que eu estou indo na direção correta.

-Eu queria que você reconsiderasse seu foco. - ele suspirou.

-Se você ficasse aqui e me ajudasse, nós poderíamos ir para a África juntos e atacar o vampirismo. Nós teríamos a cura do zumbiismo conosco também. - eu supliquei. - Nós conseguiríamos atacar ambos assim.

-O núcleo do vírus do vampiro está na África. Eu preciso voltar para e começar. Eu não acredito que nunca passou pela minha cabeça procurar a cura até que você falasse disso. Eu não consigo nem começar a entender o porquê eu era tão bobo e não consigo me perdoar. - ele insistiu em um tom suave e sensual que sempre me arrepiava. Eu provavelmente teria começado algum ato amoroso por conta desses arrepios se o assunto não fosse tão sério.

-Vampiros são mundiais, certo? - eu perguntei. - Por Deus, há três de vocês nessa casa. Eu não vejo o por que precisamos ir para a África.

Ele se inclinou para frente e pegou minha mão. Eu mantive meus olhos fechados para esconder as lágrimas de frustração que estavam sendo criadas ali. Eu odiava a ideia de ficar separada dele por tanto tempo. A busca poderia durar anos em ambos os objetivos.

-Eu estou convencido que África é onde o vampirismo se originou. Eu preciso ir ao coração da doença e pará-la. Além disso, eu deixei algumas pessoas lá para continuar minhas ações que estão em risco de infecção; se eles não

estiverem já infectados. - ele acariciou minha bochecha com as costas da sua mão. - Venha comigo, meu amor, nós faremos nossa busca lá, juntos.

-O que acontece quando voltarmos em um ano? Dois anos? Cinco anos? Eu estarei abandonando meu trabalho e minhas responsabilidades. Eu ainda tenho uma dívida aberta. - eu gemi.

Ele se sentou para trás e suspirou.

-Por que eu não posso ser como os vampiros nas histórias de romances? Eles são todos muito ricos. Então eu pagaria por essas malditas dividas e você não teria que se preocupar em trabalhar a não ser que você quisesse.

-Eu estou surpreso que você não tem dividas escolares mais. Médicos Sem Fronteira certamente não pagam o suficiente para cobrir suas dívidas e eu não imagino que seu trabalho comunitário ajude mais. - eu pensei e então eu tossi pela minha ousadia em falar sobre algo que eu estivera pensando por meses.

-Meu trabalho comunitário me paga menos. - ele sorriu. Então, com hesitação, ele completou. - Minha família tem dinheiro. Eles pagaram por minha educação. - ele riu ironicamente. - Claro, eles não esperavam que eu me tornasse um médico comunitário. Era para eu ter me tornado um oncologista e enriquecer com o câncer das pessoas.

-Quão irritados eles ficaram?

-Você quer dizer, quão irritados eles estão. - ele me corrigiu. - Eles ainda não falam comigo e acabaram com a ajuda financeira como se provassem algo. - ele disse em um tom triste. - Claro, agora que eu estou com vampirismo, eu parei de pedir o perdão deles. Eu não me atreveria em visitá-los. Meu pai perceberia algo diferente em mim em poucos minutos.

-Eu não sabia. - eu disse. - mas, então, eu não te vi em anos e, quando nos vimos anos atrás, foi por pouco tempo.

-Meu pai trabalha para o governo. Ele suspeita de todos e qualquer um. Ele iria me investigar da cabeça aos pés simplesmente porque eu estive fora do país fazendo - em suas palavras - 'Deus sabe o que com Deus sabe quem'.

-Me desculpe. - eu disse enquanto eu me sentava e levantava meu rosto para o sol.

-Você está gostando mesmo da glória da manhã, não está?

-Eu estou na esperança de que consiga absorver sol o suficiente para me energizar pelo dia. Eu planejo ir dormir mais cedo hoje.

-Ha... não muito resiliente por esses dias, hein doc? - ele riu.

Eu bati em seu ombro enquanto eu me levantava e me espreguiçava como um gato.

-Você quer café da manhã? - eu perguntei, depois de beijá-lo na testa e ir para a casa.

-Eu quero se for você. - ele disse, flertando comigo, enquanto eu rebojava meus quadris dramaticamente e ria enquanto subia as escadas da entrada.

Eu não esperava ver suas malas paradas, quietas, ao lado da porta de entrada. O choquei disso me fez parar. Minha cabeça escondeu meus olhos enquanto eu virava para olhar para ele. Ele estava inclinado para frente em sua cadeira com seus ombros em seus joelhos e seus olhos em seus pés.

-Há um táxi a caminho. - ele disse em um tom suave e desanimado.

-Você já está indo? - eu tossi.

Ele se levantou da cadeira e andou decidido para mim.

-Eu nunca fui bom em grandes adeus. Além de que, quanto antes eu for, mais cedo eu volt.

-Você me deixou ficar acordada a noite toda sabendo que você iria essa manhã. - eu disse incrédula.

-Eu não imaginei que você faria isso. Eu estava esperando você vir para a cama e dormi. O estresse faz isso comigo. - ele explicou enquanto se levantava e andava em minha direção.

-Droga! Se você está estressado, então por que você está indo? - eu choraminguei enquanto eu me jogava em seus braços e batia em seus ombros com minhas mãos. Eu queria por algum sentido na cabeça dele.

-Eu não quero ir, mas eu preciso. Eu não consigo explicar. Há pessoas lá que são queridas por mim. Eu deixei

eles pensando que ficar longe deles era o melhor por eu estar infectado, e eu estava com medo de eu estar lá, atrairia aquilo para eles. Eu entrei em pânico por minhas ações terem sido a pior coisa para se fazer. Eu deveria ter ficado e protegido eles. Eu deveria ter ficado e encontrado a cura.

-Assim, nós nunca teríamos nos encontrado. - eu disse.

-Sim, - ele disse enquanto ele beijava a lateral da minha cabeça. - Eu não consigo imaginar minha vida sem você nele, meu amor. Você é a minha melhor batida de coração, minha respiração, minha pura essência.

-Então, fique. - eu pedi em seu pescoço.

-Por favor, não torne isso mais difícil do que já é. Se você não sabe nada sobre mim até agora, você deve saber que eu não consigo ignorar o desafio. Eu estava com os Médicos Sem Fronteiras até eu começar a minha própria fundação. Eu não posso não ir. Você precisa ver isso.

-Eu vejo, e eu odeio isso. - eu disse enquanto ele me beijava com força.

Eu sabia que meus pensionistas, Angela e Evan, estavam em casa e poderiam aparecer a qualquer momento, mas eu não me importava. O amor da minha vida estava esperando por um táxi para levá-lo para o outro lado do oceano por tempo indefinido e eu perdi minha última noite com ele procurando sobre zumbis.

O risco de ser pega no ato de amor podia não me incomodar, mas incomodava ele. Ele me levou escada acima

para a privacidade do meu quarto e me sentou na cama desfeita. Nossas mãos trabalhavam freneticamente para despir o outro. Nós precisávamos sentir a pele um do outro.

Seus lábios pareciam ferver de desejo enquanto eles percorriam meu corpo, eles pararam em meus peitos e ele sugou-os possessivo enquanto suas mãos desciam para acariciar e explorar minhas partes íntimas. Ele me provocou com seus lábios quentes e seus dedos bem cuidados até que eu estava louca de desejo antes de colocar sua cabeça no meio das minhas pernas. O prazer que ele me dava com experiência me fez esquecer que ele logo ficaria longe por um tempo.

Quando ele finalmente entrou em mim, ele me teve de forma que nem palavras descreveriam.

Peter Thomason me amava, mas ele não aguentaria viver se ele não voltasse para as pessoas que ele deixará para trás comandando sua organização médica sem fins lucrativos na África que poderia salvá-los do vampirismo.

Eu tinha que admitir, se eu estivesse no lugar dele, eu faria o mesmo.

Mesmo assim, isso não significava que eu estava feliz com isso.

Enquanto ele se deitava ao lado do meu corpo nu saciado e acariciava minha pele com as pontas dos seus dedos longos e compridos, ele declarou seu amor novamente sem parar.

-Eu voltarei em breve, meu amor. Não desista de mim.

-Quão distante é esse lugar para onde você vai? Você tem internet? - eu perguntei; pensando se poderíamos ao menos conversar pela internet.

-Eu posso acessar ela em uma cidade próxima. - ele sorriu. - Grandes mentes pensam igual. Eu ia sugerir agora que conversássemos uma vez por semana.

-Uma vez por semana? - eu disse surpresa.

-As coisas são diferentes lá, meu amor.

-Eu imagino. - eu suspirei. Então, com um sorriso, eu me apoiei em um cotovelo para que meus grandes peitos caíssem em seu ombro. Ele virou para o lado e, animado, pegou meu mamilo com sua boca enquanto eu falava. - Vamos fazer uma competição disso. O ganhador controla quando e como nós vamos fazer sexo por um mês.

Ele riu enquanto ele continuava a sugar.

-Eu estou ouvindo.

-Sua cura para o vampirismo contra a minha cura para o zumbiismo. - eu disse enquanto eu tirava meu mamilo de sua boca e colocava o outro em seu lugar.

-Parece para mim que você acha que já ganhou. - ele disse com um sorriso enquanto pegava meus peitos que eu acabara de lhe oferecer com suas mãos antes de sugá-los.

-Isso é uma aposta? - eu perguntei, sem ar, enquanto eu perdia rapidamente o foco em qualquer coisa além de precisar tê-lo novamente.

-Feito. - ele disse com uma voz rouca enquanto ele me jogava de costas e me tomava com um fervor gentil que nós dois sabíamos que teria durado por muito, muito tempo.

-Sabe, - eu disse em uma voz abafada enquanto deitávamos, satisfeitos, nos braços do outro. Eu abracei seu corpo levemente e respirei fundo. - Eu nunca pensei em sexo antes de estar com você. Agora, isso é tudo que eu penso. O que eu devo fazer quando você for?

-Você não pensava em sexo porque você era uma virgem inocente que não tinha experiência e não entendia o êxtase e os prazeres disso. - ele disse com um sorriso enquanto ele saía dos meus braços e saía da cama. - Quando nos falarmos pela internet, eu te ensinarei algumas coisas para se fazer para conseguir aguentar a vontade até que eu volte.

Eu ainda estava formigando pelo sexo quando o taxi chegou na garagem e buzinou. Eu mal conseguia ver ele colocando suas roupas pelas lágrimas que eu deixava sair sem medo. Ele me deu um beijo longo e forte, parou por um momento e olhou para mim como se ele estivesse quase mudando de ideia, e então correu escadas abaixo para onde suas malas o esperavam.

Eu silenciosamente soluzei enquanto ouvia o porta malas e a porta do taxi batendo antes de levar o amor da minha vida para longe de mim.

DOIS

Mesmo que eu estivesse tentada em cancelar todos os meus pacientes do dia e deitar na cama com minha cabeça enterrada embaixo das cobertas, eu pensei bem. Eu não havia acabado de usar meu trabalho e dívidas como uma desculpa para não segui-lo para a África? Eu precisava ser a adulta responsável e cuidar da vida que eu acabara de sacrificar o homem que eu amava por.

Eu tomei café e estava abrindo meu consultório para começar o dia, quando eu percebi que Peter e eu não havíamos discutido sobre conversar uma vez por semana. Meu coração se despedaçou. Nossa separação havia começado muito mal.

Meu primeiro paciente entrou na sala de espera ao mesmo tempo que Angela colocou sua cabeça pela porta que ligava a cozinha à casa principal.

-Eu não quero te incomodar, mas eu preciso de Peter. Você sabe onde ele foi?

-África. - eu suspirei.

-Perdão?

-Ele foi para a África essa manhã, - eu suspirei. - eu não quero falar disso agora, Angela. Eu tenho um paciente e eu estou começando a ter meus olhos normais novamente.

-Eles ainda estão um pouco inchados, - ela olhou. - Você colocou gelo neles?

-Sem tempo agora. - eu falei. - Direi que é alergia.

-Ele nunca foi bom em grandes despedidas. - ela disse enquanto ela suspirava grandemente em desapontamento e fechava a porta atrás dela.

Meu primeiro paciente era uma senhora de oitenta e três anos chamada Jasmine Woods. Ela era tão rabugenta quanto esperta. Quando o exame de artrite em seus ombros e joelhos acabou, ela escreveu uma lista de curas para as minhas “alergias” e me repreendeu por tentar trabalhar enquanto meu corpo claramente queria descansar. O alívio que eu senti quando vi ela saindo de meu consultório e entrar no taxi foi imenso.

Feliz pelo fato de que a minha lista de pacientes do dia era relativamente pequena, eu me dediquei a cuidar com diligência e sinceridade enquanto eles iam e vinham ao meu consultório. Eu não vi razões para os cuidados com eles serem diferentes simplesmente porque algo na minha vida pessoal não estava bom.

Eu atendi meu último paciente às três da tarde e fechei meu consultório mais cedo. Eu não estava apenas exausta por meu estresse do Peter ir embora, mas meu corpo sentia falta de uma noite de sono com uma intensidade que me surpreendeu. Eu comi muito pouco e meu estômago iria gostar de uma refeição decente, mas, quando eu fechei a porta do meu consultório atrás de mim e entrei na casa principal, toda a minha força se foi. Eu mal tive força para subir as escadas e cair na minha cama desarrumada.

Eu larguei minhas roupas e coloquei meu corpo debaixo das cobertas na cama que ainda tinha o cheiro de Peter e deixei o sono me levar.

O som dos tapas leves de Angela na porta do meu quarto me acordou. A iluminação pálida do céu estrelado pelo meu quarto me disse que era algum momento no meio da noite. Eu foquei meus olhos o suficiente para ler os números fluorescentes no relógio ao lado da minha cama. Era três da manhã.

-Já estou indo. - eu consegui resmungar pelos meus lábios ressecados e quietos.

Pela secura da minha boca e pelo ponto úmido no meu travesseiro, eu deduzi que eu não apenas havia dormido com a boca bem aberta – e provavelmente roncado, já que eu costumava fazer isso quando eu estava muito cansada – mas eu tinha babado um pouco de saliva que minhas glândulas haviam secretado. Eu fechei minha boca e fiz meu melhor para rejuvenescer a umidade dela.

-Vickei. - Angela disse em um tom baixo. - Desculpe por te acordar, mas o xerife está lá embaixo com um homem ferido. Ele disse que é uma emergência. - depois de um pequeno silêncio, ela disse. - Ele está sangrando bastante. Há muito sangue para eu conseguir suportar. Eu nunca desenvolvi essa habilidade como Peter conseguiu.

Eu peguei meu roupão para cobrir meu corpo nu e fechei rapidamente enquanto colocava meus chinelos e

corria para a porta. Angela estava se afastando quando eu apareci no corredor.

-O que? Max trouxe-me um homem que está sangrando muito? Por que trouxe ele aqui, ao invés de na sala de emergência? - eu pensei, mais para mim do que para Angela.

-Eu não fiquei esperando para saber. - ela disse se desculpando. - Havia cheiro de sangue que empurrou minhas presas para baixo sem que eu conseguisse parar. Eu não queria apenas esconder meu vampirismo do homem ferido, eu tinha medo também, se eu não conseguia impedir minhas presas de aparecerem, talvez não conseguisse controlar minha resistência pelo sangue? Eu deixei eles na cozinha.

Eu peguei sua mão e disse:

-Você fez a coisa certa.

-Eu voltarei para meu quarto. - ela disse com o nariz enrugado. - Eu ainda consigo sentir o cheiro do sangue. - enquanto ela se afastava, ela balançou a cabeça confusa. - Isso nunca aconteceu antes. Claro, eu não fiquei próxima a sangramentos profundos como Peter esteve. Mesmo assim, eu nunca vi minhas presas saírem sozinhas na vida. Eu não gosto disso. Não gosto nenhum pouco.

A ideia de me vestir antes de descer as escadas para cuidar com Max passou pela minha mente, mas eu rapidamente substituí pela descrição urgente de Angela sobre a condição de Max. Eu segurei o corrimão da grande

escadaria enquanto eu corria escada abaixo o mais rápido que meus chinelos conseguiam me levar.

Eu encontrei Max sentado na mesa da minha cozinha com uma toalha pressionada contra a pele denteada e rasgada do ombro de um homem estranho. Sem olhar de perto, ela parecia algum tipo de mordida de animal. Mesmo que de aparência severa, eu me senti aliviada de não ter sido uma mordida de zumbi.

-Me desculpe por te tirar da cama assim. - o homem conseguiu dizer entre respirações difíceis. - Eu não poderia ir assim para o hospital.

Eu olhei curiosa para Max.

-Me ajude a levá-lo para a sala de exame.

Max se inclinou, colocou o braço bom do homem em volta de seu pescoço e colocou ele de pé.

-Eu acho que ele não ficará consciente por muito mais tempo.

Pela quantidade de sangue na toalha da cozinha que Angela deu a eles e a poça que havia formado em seus pés, eu tive que concordar com Max.

-Você realmente deveria estar em um hospital. - eu disse para o estranho. - Você precisará de sangue.

Eu corri na frente para abrir a porta que separava minha cozinha do consultório médico e fiquei para trás enquanto eles cambaleavam pela entrada.

-Primeiro, o hospital era muito longe. Eu nunca chegaria lá. - o homem conseguiu falar entre respirações

fracas. - E segundo, esse tipo de mordida não é algo que eu quero noticiar. Não ainda, pelo menos.

-Eu estava preocupada se fosse uma mordida de zumbi. - eu sussurrei para Max enquanto eu tentava pensar que tipo de animal poderia infligir uma ferida tão grande. Então, em uma voz ainda mais baixa, eu perguntei para o homem. - O que te pegou? Um urso? Não, não um urso. Você estaria ainda pior do que está se um urso te pegasse. Um leão da montanha, talvez? Eles tem isso lá, não tem?

-Foi um lobisomem. - ele confessou, mesmo que timidamente.

Eu parei e olhei para o rosto de Max enquanto procurava por sinais que o homem estava brincando comigo. Não havia nenhum. Ele não poderia estar mais sério.

-O xerife disse que você acreditaria em mim. - ele disse em um gemido doloroso.

Milhares de pensamentos passaram pela minha mente enquanto eu forçava meu corpo a voltar a se mexer enquanto eu ajudava Max a posicionar o homem na mesa para que ele ficasse confortável e que eu pudesse trabalhar com a ferida com facilidade.

Quando nós arrumamos o corpo dele na mesa, ele já estava inconsciente. Isso me deu uma oportunidade melhor para questionar Max sobre o que havia acontecido sem que eu precisasse cuidar de minhas palavras.

-Agora eu devo acreditar que temos lobisomens no meio? - eu falei brava enquanto cortava a manga da blusa do homem para que eu pudesse ver melhor a ferida.

-Eu mantive isso longe de você o máximo que eu pude, mas quando Elijah foi atacado por um, eu não tive escolha. Se eu levasse isso para o hospital, chegaria aos jornais e então a cidade ficaria cheia de repórteres.

-Mesmo motivo pelo qual eu mantive o problema dos zumbis em segredo. - eu falei.

-Quanto menos pessoas souberem sobre isso, melhor. - Max disse com um aceno. - Lobisomens costumam atrair outros tipos de mutantes. Eu tornei minha missão me livrar disso antes que aquilo aconteça e esse lugar fique cheio de mutantes de todos os tipos.

-Eles são tão ruins? - eu perguntei enquanto eu olhava a ferida de Elijah. Estava feia e parecia que estava infeccionando. Considerando a quantidade de sangue que saía dele, isso me surpreendeu.

-Eu acho que eles são piores que os zumbis. - Max disse com um aceno.

-Impossível. - eu falei assustada; mais para expressar minha descrença que eu estava encarando um grande dilema do que eu não concordava com Max.

-Você foi avisada por Peter. - ele disse em um tom monótono. - Não era segredo que ele tinha ciúmes do fato de eu e Peter sermos um casal. - Lobos odeiam vampiros. Eles são inimigos mortais. Apesar de que eu não saiba o porquê.

-Peter se foi. - eu suspirei enquanto eu fazia o meu melhor para limpar a infecção.

-Se foi? - Max disse surpreso. - Se foi, para onde?

-Ele foi para África ontem de manhã. Ele foi para ver como anda sua fundação e procurar a cura par ao vampirismo.

-Eu não sabia que ele não gostava de ser um vampiro.

- Max disse com uma careta pensativa.

Seu comentário me fez parar. Peter e eu nunca havíamos conversado se ele gostava ou não de ser um vampiro. Na verdade, a única vez que o assunto da cura do vampirismo veio foi quando eu pensei sobre isso. Então, e apenas então, ele começou a pensar sobre a ideia. Seria a cura para ele? Ou ele sabia de outros que sofriam porque eles eram infelizes como vampiros? Eu não sabia.

-Eu não sei se ele gosta ou não. - eu admiti. - Nunca falamos sobre isso.

-Então, por que ele está procurando a cura? - Max perguntou corajosamente.

-Eu falei que eu acreditava que deveria haver uma cura para o zumbiismo, já que é um vírus e a conversa chegou ao fato de que vampirismo também é um vírus então, assim, deve haver também uma cura para isso e as coisas apenas progrediram dali. - eu disse com um som triste.

Max me encarou por um tempo.

-Por que você não foi com ele?

Eu encolhi os ombros enquanto eu segurava as lágrimas que eu não havia chorado.

-Ele é um dos homens mais inteligentes que eu conheço. Ele não ficará longe por muito tempo. Eu tenho a meu consultório e responsabilidades. Eu planejo fazer minhas pesquisas aqui.

-Você não vai precisar de um zumbi ou dois para a pesquisa? - ele perguntou.

Eu olhei para ele, estupefata.

-Eu acho que sim.

-Hmm. Isso é um problema, já que acabamos com eles e eu pretendo não deixá-los voltarem.

Minha mente girou enquanto eu continuava a cuidar da ferida de Elijah. Depois de ter certeza que ela estava completamente, eu coloquei uma quantidade de solução antisséptica na ferida e coloquei um curativo.

Como ele não lembrava quando ele teve sua última vacina antitetânica, eu vacinei Elijah, e também uma injeção de penicilina e uma prescrição dela para tomar nos próximos cinco dias.

TRÊS

Elija estava lucido o suficiente quando eu terminei de cuidar de sua ferida e estava se limpando para ter uma conversa inteligente comigo.

-É ruim, não é, doutora? - ele disse em um tom suave.

-Como isso aconteceu? - eu perguntei.

-Nós temos uma fazenda a uns 16 quilômetros daqui.

Eu ouvi os animais enlouquecidos, então eu sai para verificar. Essa... coisa... veio para mim do nada.

-Coisa? - eu disse confusa.

-Era como um bolo, mas ficava em pé com suas patas traseiras como um homem e tinha longos braços e grandes mãos com garras. Era meio-homem, meio-lobo... um lobisomem.

-Nó vimos isso quando eu era criança, mas eles foram caçados. Parece que eles estão de volta. - Max disse com um balanço da cabeça. - Eu estava fazendo as minhas rondas quando eu encontrei Elijah tropeçando pela estrada sangrando assim. Eu pensei se traria ele aqui, mas eu não consegui pensar em mais ninguém em quem eu pudesse confiar o meu segredo.

Em seguida, Angela colocou sua cabeça para dentro e falou:

-Eu não queria interromper. Mas eu tenho uma audição ótima, como você sabe, e eu não pude evitar de aparecer e ver se todos estamos no mesmo ponto. Você sabe que ele se tornará um lobisomem, não?

Elijah arregalou os olhos.

-Não!

-Os lobisomens foram extintos quando eu era jovem.

Eu tenho pouco conhecimento sobre eles. - Max disse, pensativo.

-Isso é o que acontece nos filmes, - eu disse. - mas isso não significa que acontece na vida real. Eu tenho aprendido muito sobre isso.

-Infelizmente, Hollywood acertou nesse. - ela disse. - Dependendo do tipo de lobisomem que mordeu ele, se ele não se transformar na próxima lua cheia, ele vai se transformar na lua seguinte.

-Não estamos na lua cheia, certo? - eu perguntei enquanto corria para a janela e espiava por entre as persianas. Para a minha surpresa e desânimo, a lua parecia um farol no meio das estrelas brilhantes. - Não acredito nisso.

-Ontem foi um pouco confuso para você. - Angela disse, simpatizando.

Meus olhos voltaram para Elijah enquanto eu mandei um olhar para ela para manter o assunto longe de vampiros e zumbis. Eu não tinha ideia de quanto esse homem sabia, mesmo ele estando na minha mesa de exames com uma ferida no ombro de uma mordida de lobisomem.

-Nós temos pelo menos um mês antes de isso acontecer, certo? - Max perguntou, com urgência. Quando Angela fechou seus olhos e assentiu, ele se virou para mim e

sussurrou. - Talvez você deva mudar o foco de sua pesquisa, doutora.

-Mesmo se eu mudasse, eu não sei se é possível encontrar a cura em um mês. - eu falei.

-Eu acho que Elijah não vai ser o único a vir atrás de um tratamento antes de isso passar. - Max disse com urgência.

Eu pensei alto.

-Eu ainda tenho imunidade ao zumbiismo no meu sangue. Eu não tenho o mesmo para o lombisomismo.

-O que te torna imune ao zumbiismo? - Max perguntou com a testa enrugada.

-Uma pequena dose de vampirismo. - eu confessei.

-O que acontece se você morrer com isso em seu corpo? - ele perguntou preocupado com a voz elevada.

-Eu me tornaria um, eu acho. - eu disse hesitante.

-Não é legal, Vickie. - ele rosnou.

-Isso me deixou livre de me infectar quando eles me capturaram, e eu não planejo morrer logo.

-Ninguém planeja morrer. - Max murmurou. - Quanto tempo isso ficará em seu corpo?

-Isso já deveria ter saído. - Angela falou. - Normalmente é um ano.

O rosto de Max ficou vermelho enquanto ele reclamava.

-Como se eu já não tivesse merdas demais para me preocupar.

-Acalme-se xerife. - Angela disse com um sorriso conhecido. - Ela sobreviveu esse ano e eu acho que o vírus do vampiro está fora do seu corpo agora. Nós podemos testá-la se você quiser, mas eu acredito que ela está a salvo.

-Eu quero que teste ela. - Max mandou.

-E o que acha que eu quero? - eu perguntei com a sobrancelha erguida.

-Quem é um vampiro? - Elijah perguntou confuso. - Há vampiros também?

-Isso é apenas uma figura de linguagem para um negócio privado. - Max o assegurou. - Nada para se preocupar. - ele olhou para mim e depois para Angela. - Eu levarei Elijah para casa, mas essa conversa não acabou.

-Sim senhor. - Angela riu.

Eu apertei meus lábios e não disse nada enquanto observava Max guiar Elijah para fora do meu consultório até o carro do xerife.

-Ele tem uma grande queda por você. - Angela suspirou enquanto ela ficava ao meu lado e observávamos o carro do xerife sair para o final da noite. - Quer um pouco de café?

Eu olhei para meu relógio.

-Eu gostaria. Logo será hora de levantar.

-É sábado. Eu não achei que você trabalhava nos sábados.

-É sábado? - eu perguntei. - Quando que isso aconteceu? - eu perguntei enquanto eu seguia ela até a cozinha e observei ela preencher o filtro de café com café.

Angela não disse nada enquanto ela andava pela cozinha para preparar uma xícara de café matinal para cada uma e um bolinho torrado Inglês.

-A saída de Peter realmente te afetou, eu acho. - ela finalmente disse enquanto ela me passava uma xícara; seguido de um bolinho Inglês quente.

-Eu acho que sim. - eu disse enquanto eu jogava uma quantidade nada saudável de manteiga no meu bolinho. - Ele me pediu para ir com ele, mas eu estava preocupada com minha profissão. - eu coloquei minha faca na mesa e olhei para ela. - Quero dizer, talvez se eu não estivesse afundada em empréstimos escolares eu poderia ter pensado sobre isso, mas como eu pagaria eles de volta? Nós não ficaríamos na África para sempre. Eu voltaria para onde? Eu estou começando minha pratica onde parece ser promissor e eu acabei de começar a ver uma brecha nos empréstimos.

Angela me encarou em descrença até que ela finalmente disse.

-Ele te chamou para ir para África com ele? - quando eu assenti, ela continuou. - Ele está ou louco, ou sabia que você não iria.

Eu engoli um pouco de bolinho sem ter mastigado. Quando pareceu que iria parar na minha garganta, eu joguei ele para baixo com café quente.

-Do que você está falando? - eu finalmente consegui dizer.

Ela olhou para mim como se estivesse pensando em o que falar. Então, com um suspiro, ela perguntou.

-Peter te falou que ele tem uma mulher e duas crianças na África?

O mundo zumbiu ao meu redor enquanto minha visão periférica diminuía aos poucos até que Angela apareceu em pequenos cantos. Vendo que eu iria desmaiar, ela me deu um tapa para que eu voltasse ao normal.

-Desculpe. - ela disse enquanto eu esfregava minhas bochechas vermelhas. - Se eu tivesse sais aromáticos, eu usaria eles. - ela balançou sua cabeça e tomou um longo gole do líquido negro e aromático em sua xícara. - Então, Peter não compartilhou isso com você. Eu imagino se ele achou que eu tinha contado para você e apenas manteve isso como um tabu?

-Qual é a idade das crianças dele? - eu falei.

-Simon tem dez e Dannell tem oito. - ela disse.

-Garotos. - eu pensei alto.

-Garotos os quais ele é muito ligado. - Angela disse com uma carranca. - Eu não consigo imaginar como ele planejava manter eles em segredo se você voltasse para a África com ele. Ele se tornou muçulmano de repente e achou que poderia ter algumas esposas? Eu fiquei surpresa que ele ficou longe deles por tanto tempo para começar. O sexo com você deve ser fantástico. - ela sorriu. Quando eu não sorri,

ela disse. - Eu imaginei que vocês dois estavam tendo uma fabulosa aventura romântica que vocês dois sabiam que acabaria terminando. Isso precisava acabar. Você não vê?

Lágrimas caíam livremente pelas minhas bochechas.

-Ele disse que me amava. Ele disse que eu era a vida dele.

-Eu imagino que ele te ama e que você seja a vida dele.

Eu nunca vi ele tão ligado à uma mulher antes. Eu tenho que admitir. Mas, ele tem uma família na África. Ele deveria ter dito isso para você.

-Sim. - eu disse enquanto eu limpava meu rosto com as palmas de minhas mãos. - Sim, ele deveria ter dito.

-Quando ele saiu com você pela primeira vez, eu chamei ele e avisei que ele precisava te contar. Nem todas as mulheres gostam de ter casos com homens casados. Eu não te conhecia o suficiente para saber se você gostaria disso. Ele me prometeu que ele te diria. Então, quando vocês se tornaram um casal feliz, eu imaginei que ele havia confessado tudo e você estava bem com isso.

-Eu não tinha ideia. - eu funguei enquanto eu levantava para pegar mais café.

Vendo que minhas pernas ameaçavam me derrubar, ela pegou minha xícara e encheu ela para mim.

-Por que você não volta para cama e fica lá o tempo que precisar enquanto processa essa novidade. Eu acho que o xerife voltará para terminar a conversa. Evan e eu podemos lidar com ele.

-Está bem. Evan está em casa, certo? - eu disse com um sorriso fraco. - Às vezes eu esqueço.

-Ele me mantém escarço. - ela riu.

-Ele é um escritor. Eles são pessoas solitárias. - eu falei.

-Vickie, você está bem? - ela perguntou preocupada. - Você lembra que a coisa de ser escritor era apenas para cobrir seu trabalho com o exército dos vampiros. Assim como meu trabalho como viajante social. Certo?

Eu olhei para ela como se tivesse acabado de vê-la e disse em uma voz leve e distraída.

-Sim. Sim. Um disfarce.

Ela se levantou e deu a volta na mesa até onde eu estava. Colocou uma mão embaixo de meu cotovelo, ela me colocou em pé.

-Já chega. Hora de você voltar para sua cama.

Eu deixei ela me levar de volta para meu quarto e tirar meu roupão. Eu fiz um movimento para esconder minha nudez. Ela elogiou meus peitos por serem grandes e bonitos e minha cintura tão pequena que meu corpo poderia fazer inveja a Dolly Parton pareceu mais uma admiração feminina sobre outra mulher da mesma forma que ela admiraria um penteado ou uma roupa do que vindo de um desejo, então eu não me importei de ela me ajudar a voltar para a cama e puxava as cobertas em mim até que elas estivessem bem presas embaixo de mim.